



## As Várias Roupas da Língua Portuguesa

*Sandra Maria Santos Dias<sup>1</sup>; Raimundo Edilberto Moreira Lopes<sup>2</sup>;  
Ivone Maria de Souza Sampaio<sup>3</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho traz uma análise sobre o domínio da língua, seja ela oral ou escrita, e como ela é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, enfim, produz conhecimento. A escola e os seus professores têm a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. A mesma deve assegurar a interação com a cultura mais valorizada e prestigiada, e integrando-o a produção/condução/transformação da sociedade. Esse estudo proporciona o conhecimento das “várias roupas da Língua Portuguesa” e o seu uso, adequado a cada situação comunicativa, trazendo assim ao meio escolar um novo olhar sobre a Língua Portuguesa. A Língua sendo analisada na forma de um ensino crítico da norma-padrão, dando espaço e fazendo um contraponto com o maior número possível de manifestações linguísticas, concretizadas nos gêneros textuais e nas variedades da língua, apresentando-lhes em sala de aula, condições de assumirem sua palavra, de se tornarem sujeitos de seu discurso. Sob essa ótica, o estudo também objetiva despertar no educador a prática de instigar no aluno a visão de que é ele que se submete e adequa o seu dizer às regras da língua, mas esta está a sua disposição para servi-lo nas mais diferentes situações discursivas, para ser bem sucedido em qualquer situação comunicativa. Além disso, leva a perceber que as ações podem render transformações no agir de outros profissionais da mesma área; e percebendo também que é assim que caminha o processo do conhecimento: a ousadia de buscar sempre o melhor, a mudança, a aprendizagem e o desenvolvimento de nossos aprendizes.

**Palavras-Chave:** Linguagem. Aprendizagem. Variante linguística. Língua portuguesa.

<sup>1</sup> Pós graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Kurios. Graduada em Língua Portuguesa e Inglesa. Licenciatura Plena. UVA. Formadora Regional da Crede 12 do ciclo de formação MaisPaic – Programa Aprendizagem na Idade Certa. Professora da rede pública do município de Banabuiú, na Escola de Ensino Fundamental Centro Educacional Municipal Celestino de Sousa. Dias msdsandra@hotmail.com;

<sup>2</sup> Mestre e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos -PY. Especialista em Química e Biologia pela Universidade Regional do Cariri – URCA; Especialista em Gestão Escolar pela Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC; Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA; Graduado em Ciências com habilitação Química e Biologia pela Universidade Estadual do Ceará, UECE; Engenheiro Civil graduado pelo Centro Universitário Maurício de Nassau, UNINASSAU; Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Faculdade EDUCAMINAS. Docente efetivo da rede pública municipal e estadual em Banabuiú-CE. beto.ce@hotmail.com;

<sup>3</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará -UECE; Pós graduada no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará- UECE; Pós graduada em Gestão escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Kurios-FAK. Formadora Municipal de Língua Portuguesa do Programa do MEC GESTAR II; Formadora Municipal de Língua Portuguesa do Programa do MEC PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa; Professora de Língua Portuguesa na EEF. Centro Educacional Municipal Celestino de Sousa; Atualmente Diretora Pedagógica da Escola Politécnica Philum-Phtec; Sócia-mantenedora da UNIPH-Faculdade Philum. ivonetedebanabuiu@hotmail.com .

## The Various Clothes of the Portuguese Language

**Abstract:** This paper presents an analysis of the field of language, whether oral or written, and how it is fundamental to effective social participation, for it is through her that the man communicates, has access to information, express and defend points view, shared worldviews, or constructs, in short, produces knowledge. The school and its teachers have a responsibility to guarantee all students access to linguistic knowledge required for the exercise of citizenship and inalienable right of all. Should ensure interaction with the culture valued and prestigious, and integrating it with production / driving / transformation of society. This study provides knowledge of "several clothes of the Portuguese Language" and their use as appropriate in each communicative situation, thus bringing to school a new look to the Portuguese. The language being considered as a critical teaching of the standard-standard, giving space and making a counterpoint to the largest possible number of linguistic expressions, be implemented in genres and varieties of language, presenting them in the classroom conditions take their word, they become subjects of his discourse. Under this view, the study also aims to awaken in the practice educator to instill in students the vision that he is undergoing and suits your say rules of language, but this is at your disposal to serve you in many different situations discursive, to be successful in any communicative situation. Also, take to realize that actions can yield changes in the act of other professionals in the same area, and also realizing that this is how goes the process of knowing: the courage to always seek the best, change, learning and development our apprentices.

**Keywords:** language, learning, language variant, portuguese language.

### Introdução

A linguagem é reconhecida como a capacidade humana de compreender e usar um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados usados para expressão da fala e do pensamento. Desempenha papel fundamental em todas as manifestações de nossa vida — através dela, a experiência humana é transmitida. A linguagem é um dos traços culturais adquiridos, seja pela convivência com os outros, através da religião, etc., seja em função de o indivíduo pertencer à determinada comunidade, não havendo, para isso, disposição inata, nem limitação física, como acontece com habitação, vestuário etc. O indivíduo não cria a linguagem, faz uso daquela que a sociedade lhe transmitiu. Não há limites nas diversas estruturas linguísticas, não sendo a língua uma finalidade em si mesma e sim um fator de expressão e comunicação social. A língua é um código social, um acordo de letras, que em combinações entre si adquirem significado para um determinado grupo social.

Contudo, há uma convenção linguística, a qual permanece em uma sociedade para que a comunicação possa existir entre os falantes. A nossa é a língua portuguesa, uma língua românica, flexiva que se originou no que é hoje a Galiza e o norte de Portugal, derivada do latim vulgar falado pelos povos pré-romanos que habitavam a parte ocidental da península Ibérica há cerca de dois mil anos. Com mais de 260 milhões de falantes, é, como língua nativa, a quinta língua mais falada no mundo, a mais falada no hemisfério sul, a terceira mais falada no mundo ocidental e das que usam o alfabeto latino. Além de Portugal, é oficial em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e

Príncipe, Timor-Leste e, desde 13 de julho de 2007, na Guiné Equatorial, sendo também falada nos antigos territórios da Índia Portuguesa.

Na vasta e descontínua área em que é falada, a Língua Portuguesa apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciada em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, a gramática e ao vocabulário. Tais diferenças, entretanto, não comprometem a unidade do idioma: apesar da acidentada história da sua expansão, a língua portuguesa conseguiu manter até hoje apreciável coesão entre as suas variedades.

Embora a diversidade e abrangência da língua portuguesa, muitos jovens e adultos que apresentam um bom nível de escolaridade, julgam-se incapazes de manifestar-se oralmente ou por escrito em situações formais e diante de interlocutores desconhecidos. Por outro lado, sentem-se à vontade para comunicar-se, para interagir com seus pares, com quem fala a mesma língua: seus amigos, sua “tribo”, seus familiares. A insegurança que condena a um silêncio forçado, apesar das centenas de horas-aula semanais de Língua Portuguesa durante os anos de Ensino Fundamental e Médio, é um indicativo de que na escola se ensina uma série de “conteúdos” sobre a língua, como se ela fosse um sistema pronto e acabado, abstrato, fechado, estático, em vez de trabalhá-la na sua forma concreta, como atividade fundamental da vida humana, da interação social. Na verdade, as aulas de Língua Portuguesa deveriam ser substituídas por aulas de linguagem, de trabalho com e de reflexão sobre a linguagem. Os “conteúdos” sobre a língua ensinada na escola referem-se a um conjunto de regras, a um modelo canônico de referência, muitas vezes distante, mas possível de ser apreendido para funcionar sempre do mesmo jeito em toda e qualquer situação discursiva. Ensinam-se regras de uma língua que, às vezes, nem existe, sem estabelecer qualquer relação com a língua materna, esta língua que o aluno conhece e cujas regras dominam muito bem, tanto assim que satisfazem plenamente suas necessidades de comunicação.

Trabalhar com novas propostas é um desafio, pois enxergar as dificuldades apresentadas pela maioria dos alunos nas várias situações de uso da linguagem nos indica a necessidade de trabalhar em sala de aula com atividades que desenvolvam a consciência da variação linguística e do modo como as variantes se efetivam na interação cotidiana, assim como promovam a familiaridade com o texto oral e escrito de gêneros diversos, trazendo assim um novo modelo para o ensino de Língua Portuguesa. Mostra-se difícil e complicado mudar um paradigma já tão enraizado em nossos alunos e colegas de profissão que enxergam somente a leitura do texto propriamente dito é suficiente para entender seus significados. Mas nossa tarefa é a de que nossos alunos enxerguem a língua como algo bem próximo do seu dia a dia, assim como uma roupa que vestimos e, conforme o ambiente em que vamos está, adequado à situação, ao contexto do evento.

Justifica-se o presente estudo, uma vez que, a escola pública apresenta uma imensa diversidade linguística e cultural devido ao seu alunado, já que nela encontram-se matriculados alunos de todas as

classes sociais, da zona urbana e rural, tornando-se assim um campo excelente para o estudo em questão: fazer com que a língua portuguesa seja enxergada como um “acessório” que se adequa a cada situação, sabendo identificar e visualizar esses elementos em cada situação comunicativa.

As novas metodologias de ensino da Língua Portuguesa, fundamentam-se no princípio de que toda a atividade de linguagem em sala de aula deveria partir da língua em uso, ou seja, da língua sendo observada, investigada, no contexto de linguagem, pois a língua é parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano.

Esse estudo tem como proposta investigar, fundamentar e propor novos horizontes em que as atividades sobre e com o uso da linguagem, estejam fundamentadas no reconhecimento e na valorização da língua materna e das suas demais variantes. Na prática, significa que o usuário que se dispõe a estudar línguas deve ser levado a observar, a investigar, a pesquisar como elas funcionam em seus diferentes contextos de uso.

Ante o exposto o objetivo do presente estudo foi conhecer e analisar as várias possibilidades de utilização da língua portuguesa (várias roupas) e o seu uso, adequado a cada situação comunicativa. Para isso foi necessário alguns objetivos específicos, a saber: 1 - Fundamentar estudos de como funcionam a Língua Portuguesa e suas variações em seus diferentes contextos de uso, destacando a valorização da língua e suas variantes; 2 - Discutir o papel da escola no que diz respeito ao ensino e funcionamento da Língua Portuguesa e de suas variantes e 3 - Propor aos usuários da Língua Portuguesa, uma postura conceitual, reflexiva e investigativa em relação ao funcionamento, utilização e adequação quanto a sua língua.

## **Diferentes Formas de usar a Língua Portuguesa no Brasil**

"Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção." (Cunha, 1975, pg 48)

A linguística atual revela que uma língua não é homogênea e deve ser entendida justamente pelo que caracteriza o homem: a diversidade, a possibilidade de mudanças. Há pouca precisão na divisão dialetal brasileira, mas nosso país começou a realizar estudos dialetais desde o século passado, voltados principalmente para a identificação das diferenças lexicais, e as abordagens da primeira metade deste século, como o fizeram Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim, Aires da Mata Machado que esboçaram características e denotaram traços particulares de áreas e regiões, apresentando assim um pouco do mapa lingüístico brasileiro.

Em entrevista ao jornal da UNICAMP, o linguista Ataliba de Castilho (2006), diz que o padrão do português paulista espalhou-se pelo Brasil.

"Se você olhar mapas que retratem os movimentos das bandeiras, das entradas e dos tropeiros, verá que os paulistas tomaram várias direções, para Minas e Goiás, para o Mato Grosso, para os estados do sul. Tudo isso integrava a Capitania de São Paulo. Na direção do Vale do Paraíba, eles levaram o português paulista até Macaé, no estado do Rio de Janeiro. Era paulista a língua que se falava no Rio de Janeiro. Isso mudou em 1808, quando a população do Rio era de 14 mil habitantes e D. João VI chegou com sua Corte, cerca de 16 mil portugueses. E não eram portugueses quaisquer. Eram portugueses da Corte. Seu prestígio fez com que imediatamente a língua local fosse alterada. E os cariocas começaram a chiar, como os portugueses de então. O português paulista do século XVI precisa ser estudado, porque ele foi levado para quase todo o país, com exceção do Nordeste e do Norte."(Castilho, 2006, pag4-5.html)

Uma língua nunca é falada de maneira uniforme pelos seus usuários: ela está sujeita a muitas variações. O modo de falar uma língua varia: - de época para época: o português de nossos antepassados é diferente do que falamos hoje; - de região para região: o carioca, o baiano, o paulista e o gaúcho falam de maneiras nitidamente distintas; - de grupo social para grupo social: pessoas que moram em bairros chamados nobres falam diferente dos que moram na periferia. Costuma-se distinguir o português das pessoas mais prestigiadas socialmente (impropriamente chamada de fala culta ou norma culta) e o das pessoas de grupos sociais menos prestigiados (a fala popular ou norma popular); - de situação para situação: cada uma das variantes pode ser falada com mais cuidado e vigilância (a fala formal) e de modo mais espontâneo e menos controlado (a fala informal). Um professor universitário ou um juiz falam de um modo na faculdade ou no tribunal e de outro numa reunião de amigos, em casa e em outras situações informais. Além dessas, há outras variações, como, por exemplo, o modo de falar de grupos profissionais, a gíria própria de faixas etárias diferentes, a língua escrita e oral.

Diante de tantas variantes lingüísticas, é inevitável perguntar qual delas é a correta. Resposta: não existe a mais correta em termos absolutos, mas sim, a mais adequada a cada contexto. Dessa maneira, fala bem aquele que se mostra capaz de escolher a variante adequada a cada situação e consegue o máximo de eficiência dentro da variante escolhida.

Usar o português rígido, próprio da língua escrita formal, numa situação descontraída da comunicação oral é falar de modo inadequado. Soa como pretensioso, pedante, artificial. Por outro lado, é inadequado em situação formal usar gírias, termos chulos, desrespeitosos, fugir afinal das normas típicas dessa situação.

Quando se fala das variantes, é preciso não perder de vista que a língua é um código de comunicação e também um fato com repercussões sociais. Há muitas formas de dizer que não perturba em nada a comunicação, mas afetam a imagem social do falante. Uma frase como "o povo exageram" tem o mesmo sentido que "o povo exagera".

Como se sabe, o coletivo, sob o ponto de vista do conteúdo, é sempre plural. Nada impede que, mesmo na forma singular, mande o verbo para o plural. Houve mesmo época em que o “chique” era a concordância com o conteúdo. Hoje, a concordância é com a forma. Nesse particular, há uma aproximação máxima entre língua e etiqueta social. No português atual, uma frase como “o povo exageram”, embora não contenha nenhum absurdo, deprecia a imagem do falante.

Cada pessoa traz em si uma série de características que se traduzem no seu modo de se expressar: a região onde nasceu, o meio social em que foi criada e/ou em que vive, a profissão que exerce, a sua faixa etária, o seu nível de escolaridade.

### **As Variações da Língua Portuguesa**

É compreensível que as pessoas que não observam com atenção o funcionamento da língua, possam fazer afirmações como: “O português é muito fácil de aprender porque é uma língua que a gente escreve como se fala.” O fato é que freqüentemente não nos damos conta que a mente produz as decodificações necessárias para a compreensão imediata e perfeita da língua.

Para se fazer entender, qualquer pessoa precisa estar em sintonia com o seu interlocutor e isto é facilmente observável na maneira como nos dirigimos, por exemplo, a uma criança, a um colega de trabalho, a uma autoridade. Escolhemos palavras, modos de dizer, para cada uma dessas situações. Tentar adaptar a própria linguagem à do interlocutor já é realizar um ato de comunicação. Pode-se dizer que o nível da linguagem deve se adaptar à situação.

É preciso compreender que a língua, como se pensava no início, não se encerra somente no tempo, mas também se manifestam no espaço, nas camadas sociais e nas representações estilísticas. Sob essa ótica, não é o usuário que se submete e adequa o seu dizer às regras da língua, mas esta está à sua disposição para servi-lo nas mais diferentes situações discursivas, para ser bem sucedido em qualquer situação comunicativa.

Variedade é um conceito maior do que estilo de prosa ou estilo de linguagem. São exemplos dessas variações:

- Dialeto são variações faladas por comunidades *geograficamente definidas*.
- Idioma é um termo intermediário, na distinção dialeto-linguagem, é usado para se referir ao sistema comunicativo estudado, sendo, portanto, um sinônimo para linguagem.
- Socioletos, isto é, variações faladas por comunidades *socialmente definidas*
- Linguagem padrão ou norma padrão, padronizada em função da comunicação pública e da educação.
- Idioletos, isto é, uma variação particular a certa pessoa.

- Registros (ou diátipos), isto é, o vocabulário especializado e/ou a gramática de certas atividades ou profissões.
- Etnoletos, para um grupo étnico.
- Ecoletos, um idioleto adotado por uma casa.

Variações como dialetos, idioletos e socioletos podem ser distinguidos não apenas por seu vocabulário, mas também por diferenças na gramática, na fonologia e na versificação

Assim como os outros idiomas, o português sofreu uma evolução histórica, sendo influenciado por vários idiomas e dialetos, até chegar ao estágio conhecido atualmente. Deve-se considerar, porém, que o português de hoje compreende vários dialetos e subdialetos, falares e subfalares, muitas vezes bastante distintos, além de dois padrões reconhecidos internacionalmente: o português brasileiro e o português europeu.

## **Tipos de Variações**

Há dimensões que propiciam as variedades sendo importante observar que o processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. Cada pessoa traz em si uma série de características que se traduzem no seu modo de se expressar: a região onde nasceu, o meio social em que foi criada e/ou em que vive, a profissão que exerce, a sua faixa etária, o seu nível de escolaridade.

São inegáveis as diferenças que existem dentro de uma mesma comunidade de fala. Podemos assinalar diferenças à medida que se avança no espaço geográfico. Da mesma forma que se constatam diferenças dentro de uma mesma área geográfica, resultantes das diferenças sociológicas tais como educação do indivíduo, sua profissão, grupos com os quais convive, enfim, sua identidade. Tudo isso pode interferir e operar como modelador à fala de alguém.

Ao encontrarmos pessoas de regiões diferentes do Brasil, não raro nos deparamos com expressões lingüísticas diferentes. Vejamos agora os tipos de variações da Língua Portuguesa que influenciaram e ainda influencia o falar a Língua Portuguesa no Brasil:

### ***a) Variação histórica***

Acontece ao longo de um determinado período de tempo, pode ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua. O processo de mudança é gradual: uma variante inicialmente utilizada por um grupo restrito de falantes passa a ser adotada por indivíduos socioeconomicamente mais expressivos. A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém com o tempo a nova variante torna-se normal na fala, e finalmente consagra-se pelo

uso na modalidade escrita. As mudanças podem ser de grafia ou de significado. Nos exemplos abaixo, podemos ver bem essa variação ocorrida ao longo do tempo: 1) "...aquele que é fio(filho) de Edmundo" (e não "filho do Edmundo"; 2) "...Luís de Olinto cê cunhece ele?" (e não "Luís do Olinto")

Outras mudanças que aconteceram no decorrer do tempo foram de significados: vazar, além de todos os significados encontrados no dicionário, também é usado com o sentido de sair furtivamente –; e grafia – êle, tôdas ( perderam o acento), cousa (escrita agora coisa).

Portanto, quanto à dimensão histórica da variação lingüística, podemos afirmar que possuímos formas diversificadas de nosso falar por ora haver retenções de estágios anteriores ou por estarmos mudando o uso dos vocábulos para nos adequar a grande evolução temporal.

### ***b). Variação geográfica***

O Brasil apresenta um vasto território, caracterizado por regiões geográficas diversas. Com isso temos diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática.

Alguns dialetos já foram estudados, estabelecido e reconhecido, como o dialeto caipira reconhecido pelo linguista Amadeu Amaral. Contudo, há poucos estudos a respeito da maioria dos demais dialetos, e atualmente se aceita a classificação proposta pelo filólogo Antenor Nascentes, que apresenta em seus estudos as propostas de divisão dialetal do Brasil existentes (p 24): "Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade."

A proposta de Nascentes estabelece uma grande divisão lingüística no Brasil: falares do Norte e falares do Sul (p. 25) afirmando que "Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos" (p. 25).

A primeira célula variante do português brasileiro surgiu em Minas Gerais, com a exploração de pedras preciosas, quando bandeirantes paulistas, escravos, índios e europeus criaram um jeito de pronunciar que se espalhou pelo país através do comércio e outras formas.

Segundo a geografia da língua portuguesa, o Brasil possui 12 dialetos, sendo eles:

**1. Caipira** - parte do interior do estado de São Paulo e de Goiás, parte do norte do Paraná, parte do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro utilizam-se dele. O dialeto caipira é um dialeto da língua portuguesa falado no interior do estado de São Paulo, inicialmente no Vale do Paraíba Paulista, e em parte dos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Goiás. Difere acentuadamente do idioma padrão brasileiro em sua estrutura fonológica. Possui numerosas expressões próprias, e, ao contrário do que acontece com a língua padrão do Brasil e

de Portugal, o plural só é indicado em um substantivo ou adjetivo quando este não é determinado por um artigo, ex.: singular: *casa*; plural: *casas*; singular: *a casa branca*, plural: *as casa branca*.

**2. Dialeto nordestino do norte** - dialeto falado no norte da Região Nordeste, mais precisamente no *Maranhão e Piauí*, com influência do dialeto nortista.

**3. Dialeto nordestino do sul** - dialeto falado no sul da Região Nordeste, mais precisamente na Bahia, com influência do dialeto mineiro.

Há uma observação, em alguns estudos, que os dialetos baianos influenciam as áreas fronteiriças de outras regiões, como Minas Gerais, Goiás e Tocantins, o que faz com que alguns linguistas considerem como uma parte integrante do grupo sulista. Apesar de estes mesmos estudos demonstrarem que o dialeto sulista e o baiano serem vizinhos, o termo "sulista" é mais adequado (e é usado) para definir o dialeto da região Sul. Neste aspecto o melhor termo seria grupo "centro-sulista" que conota a região geoeconômica Centro-Sul e que realmente tem vizinhança com os dialetos baianos, com evidência ao dialeto mineiro e sertanejo.

**4. Dialeto nordestino do centro** - dialeto falado no centro da Região Nordeste, mais precisamente nos estados de Sergipe, interior do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Os pólos regionais de Recife, João Pessoa, Natal e Fortaleza apresentam um dialeto misturado, com fortes influências dos dialetos paulistano, fluminense, sulista e naturalmente nordestino, devido à migração recente Sudeste e Sul e nordestinos que voltam de São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo a classificação proposta por Antenor Nascentes, esses dialetos, juntamente com os dialetos amazônicos, constituem o chamado português brasileiro setentrional, em comparação com as variantes do português faladas nos demais estados brasileiros, pois o mesmo pode ser dividido em dois grandes blocos. O primeiro bloco é formado pelos dialetos nordestinos setentrionais (formado pelos dialetos nordestino do norte e do centro, além de abranger uma parte do dialeto nortista, que é denominado meio-norte ou maranhense) e os nordestinos meridionais (baianos ou nordestinos do sul). Já o dialeto baiano pode ser dividido em "baiano do oeste" e "baiano do recôncavo".

Dessa forma, os dialetos mais aparentes, que podem ser definidos como "*dialeto nordestinos*":

- do meio-norte (nortista ou maranhense): presente do Maranhão e Piauí;
- do norte ou cearense: presente no Ceará;
- do centro: presentes nos interiores do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas;
- do sudoeste (ou baiano do oeste): presente no interior da Bahia e Sergipe;

- do sudeste (ou baiano do recôncavo): presente do Recôncavo Baiano;
- metropolitanos: assim como no Recôncavo Baiano, há ligeiras diferenças entre o interior e as regiões metropolitanas dos estados como em João Pessoa e Recife, devido as recentes imigrações de outros estados.

Algumas peculiaridades gramaticais do português falado no Nordeste são: a omissão do artigo definido antes de nome próprio com a função implícita e instintiva de diferenciar objetos, animais e coisas de pessoas e afins, o “*acordo*” de compreensão comunicativa com os falantes dessa variação (ex.: “*Maria foi à feira*” em vez de “*A Maria foi na feira*”) e a inversão da colocação da partícula negativa ( ex.: “*Sei não*” em vez de “*Não sei*”).

**5. Fluminense** - Estado do Rio de Janeiro (capital e regiões litorânea e serrana). É um dialeto brasileiro conforme falado no estado do Rio de Janeiro e nas regiões limites com os estados vizinhos. Sua origem encontra-se em algumas regiões de colonização portuguesa, possivelmente mais acentuada após a chegada da corte ao Brasil em 1808. Apresenta uma estrutura fonológica dificilmente encontrada em outras regiões, sendo algumas das características peculiares ao dialeto fluminense as respiradas no final de sílaba e a abundância de ditongos e de fonemas palatais fricativos, em detrimento dos sibilantes. Os sons de s e z tornam-se palatizados quando não seguidos de vogal ou outra consoante fricativa alveolar. O dialeto fluminense só não é utilizado em algumas cidades do sul do estado, onde o falar segue algumas influências de Minas Gerais e São Paulo, estados vizinhos com grande presença de nascidos e de descendentes nesta região.

**6. Gaúcho** - Rio Grande do Sul. É um dialeto do brasileiro falado no Rio Grande do Sul, em parte do Paraná e de Santa Catarina. Fortemente influenciado pelo alemão, italiano, espanhol e pelo guarani. Possui diferenças léxicas e semânticas muito numerosas em relação ao português padrão - o que causa, às vezes, dificuldade de compreensão do diálogo informal entre gaúchos por parte de pessoas de outras regiões brasileiras. A fonologia é bastante próxima do espanhol rioplatense, sendo algumas de suas características a ausência de vocalização do "l" em "u" no final de sílabas, e a menor importância das vogais nasais, praticamente restritas à vogal "ã" e aos ditongos "ão" e "õe". Gramaticalmente, uma das características mais notáveis é o uso do pronome "tu" em vez de "você" (diferente do usado em São Paulo), mas com o verbo na terceira pessoa ("tu ama", "tu vende", "tu parte"), porém não é raro ouvir a conjugação do "tu" correta.

**7. Mineiro** – Minas Gerais. Dialeto do português brasileiro falado na região central do estado de Minas Gerais. Essa variante, que ocupa uma área que corresponde aproximadamente ao Quadrilátero Ferrífero, incluindo-se a fala da capital, Belo Horizonte, é um dos dialetos mais facilmente distinguíveis

do português brasileiro. Apresenta particularidade fonética. A letra R no final das sílabas também possui uma sonorização única quase imperceptível. Já nas proximidades da divisa com o estado de São Paulo o R (no final das sílabas) sofre a influência do interior de São Paulo. Muitas palavras costumam ser representadas no plural de uma forma muito especial. O "S" no início da palavra (representados por S ou Z) e não no final como é comum em vários idiomas. Historicamente se nota claramente que a presença do S ou Z no início da palavra é causada pela junção do artigo no plural com o substantivo que com o passar do tempo soltou-se do artigo e juntou-se ao substantivo.

**8. Nortistas** - estados da bacia do Amazonas - (o interior e Manaus têm falares próprios). Refere-se ao sotaque empregado por boa parte dos habitantes da região amazônica (ou seja, a região norte do Brasil) e de seus sete estados. Trata-se do sotaque lusófono que abrange a maior extensão territorial entre todos no planeta. A região norte do Brasil tem pelo menos dois sotaques de destaque: o tradicional sotaque, utilizado pela maioria dos habitantes da área, nas duas maiores cidades (Belém do Pará e Manaus), totalmente em 4 dos 7 estados da região (Acre, Amazonas, Roraima e Amapá) e parcialmente em 1 (Pará); enquanto outro sotaque é utilizado pelos "imigrantes de 70" e seus descendentes: na região sudeste do Pará (região de Carajás), no Estado de Rondônia e no Estado de Tocantins: um sotaque derivado de misturas de nordestino, mineiro, capixaba, goiano e gaúcho. Tem como símbolo o correto emprego de verbos na segunda pessoa, exemplo: "tu fizeste", "tu és", "tu foste", "tu chegaste", além do "r" e "s" como de carioca, "d" com som de "dj" e "t" com som de "tch", tendo como fama também a limpidez e a nitidez na pronúncia. Também tem o som de "l" e "li" palatalizado, como "família" (família) ou "palhito" (palito).

Para pessoas de outras regiões, esse sotaque pode soar como sotaque carioca, porém existem diferenças primordiais, como:

1. não há palavras gíngadas, como no sotaque carioca;
2. quase não existe o emprego de "você";
3. não se trocam os som das letras "s" por "r";
4. tende-se a usar mais ênclises a próclises;

A explicação para a composição e formação desse sotaque é histórica: devido a forte colonização portuguesa na região norte, em diversas vezes ao longo da história, e a pouca influência linguística e cultural de outros povos. Esse sotaque é empregado em quase toda a região amazônica.

**9. Paulistano** - cidade de São Paulo e proximidades. É um dialeto brasileiro falado na cidade de São Paulo e também na Região Metropolitana de São Paulo. Adquiriu características dos idiomas de imigrantes europeus, que começaram a chegar à cidade nas últimas décadas do século XIX,

especialmente os italianos. No início do século XX, o italiano e seus dialetos eram tão falados quanto o português na cidade. A fala dos imigrantes fundiu-se à dos locais (até então dialeto caipira), dando origem a um *dialeto* próprio da cidade de São Paulo. Bairros como os da Mooca e Bexiga, tradicionais por terem recebido muitos imigrantes no passado, preservam até hoje muito do sotaque típico de São Paulo. Vale lembrar que imigrantes árabes (sírios e libaneses), espanhóis e portugueses, também tiveram grande importância no desenvolvimento do falar paulistano. Atualmente o dialeto sofre fortíssima influência dos dialetos nordestinos e mineiro, adquirindo em si muitas palavras e sons fonéticos.

**10. Sertanejo** - Estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. Assemelha-se ao dialeto mineiro e caipira.

**11. Sulista** - Estados do Paraná e Santa Catarina. Este dialeto sofreu inúmeras variações de pronúncia de acordo com a área geográfica. É um dialeto da língua portuguesa falado, sobretudo em algumas regiões dos estados que compõem a região Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Caracteriza-se pela pronúncia da letra "e", que nunca é pronunciada como /i/, como nos demais dialetos da língua portuguesa.

O dialeto sulista se caracteriza por:

- Pronunciar as consoantes nasais que estão no final de uma sílaba (com exceção da terminação -am átona, que às vezes é pronunciada como -ão);
- Pronunciar a vogal "e" ao final de palavras como /e/, diferentemente da maior parte do Brasil, que a pronúncia como /i/. Exemplo: *quente* é pronunciado /kente/ (em vez de /kēti/, /kēj/ ou /kējʃ/).
- Hiatos são raros (exemplo: "moeda" se pronuncia /mweda/)

Também possui um léxico próprio, com palavras como **vina** (como é chamada a salsicha neste dialeto) ou **cancha** (utilizada para designar quadra esportiva). E, como acontece no restante do Brasil, marcas registradas também são utilizadas às vezes para designar objetos pelos falantes deste dialeto, como **Choco Milk** (achocolatado líquido), **Gillette** (lâmina de barbear), etc.

**12. Brasiliense** - Devido às várias ondas de migração, a cidade de Brasília e proximidades desenvolveram seu próprio sotaque que não se assemelha a nenhum outro.

Percebemos que dentro de uma comunidade ampla, formam-se comunidades lingüísticas menores em torno de centro polarizadores da cultura, política e economia, que acabam por definir os padrões lingüísticos utilizados na região de sua influência.

A globalização é um processo que de certa forma homogeneiza os falares. Uma forma expressiva, que antes era própria de uma região do país; hoje, trazida pela mídia incorpora-se ao falar de regiões distantes. A expressão “ficar para titia” (ficar solteirona, não encontrar casamento) era usada mais na região Sudeste. Nas regiões Norte e Nordeste se falavam “ficar vitalina” (em alusão à Santa Vitalina) e “ficar no caritó” (espécie de prateleira rústica, nas casas pobres, onde são colocados os objetos de pouco uso), com o advento da televisão, hoje “ficar vitalina” e “ficar caritó” são usadas mais nas dramaturgias como forma de evidenciar o falar nortista e nordestino.

Podemos concluir que as diferenças lingüísticas entre as regiões são graduais e que nem sempre coincidem com as fronteiras. A definição de áreas lingüísticas fundamenta a indicação de diferenças e identidades, além de estabelecer, pelo confronto, as variáveis sociais ligadas à distribuição espacial.

### *c) Variação social*

Não é difícil perceber que a norma culta – por diversas razões de ordem política, econômica, social, cultural – é algo reservado a poucas pessoas no Brasil; talvez porque haja um distanciamento entre as normatizações gramaticais e a obediência dos falantes em seguir tais normas.

A variação social está relacionada a fatores sociais como etnia, sexo, faixa etária, grau de escolaridade e grupo profissional. Os vários estudos nos mostram que a variação social não compromete a compreensão entre indivíduos, como poderia acontecer na variação regional; o uso de certas variantes pode indicar qual o nível sócio-econômico de uma pessoa, e há a possibilidade de alguém oriundo de um grupo menos favorecido atingir o padrão de maior prestígio.

Sendo esse o caso, a língua como referencial humano traria inúmeras variações, porque decididamente não somos todos iguais e devido ao meio espacial ou social em que estejamos haverá uma tendência da língua em se caracterizar por esses agentes, sendo assim, o indivíduo que protagoniza a fala poderá adequá-la a seu perfil ou ao grupo a que pertence. Conforme Martinet (1964), uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica.

Comunidades diferentes vivenciam experiências diferentes e isto se reflete nos respectivos sistemas lingüísticos: léxico, morfológico e sintático. Um grupo acadêmico de uma universidade apresentará uma variedade lingüística bem diferente de um grupo de vendedores ambulantes do interior do Brasil. Cada qual usará o recurso lingüístico que lhe foi concebido em seu processo de aprendizagem para efetuar a comunicação.

#### *d) Variação estilística*

A variação estilística se faz presente na expressividade individual dum língua e considera um mesmo indivíduo em diferentes situações de comunicação: se está em ambiente familiar, profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são seus receptores.

Tendo como norteador as três dimensões de W. BRIGTI – emissor, receptor e situação – entendemos que a identidade do emissor determina as variedades lingüísticas. A do receptor implica a escolha do tratamento e uma busca de adaptação, como por exemplo, quando o adulto se dirige a uma criancinha; a situação determina uma variedade menos formal e mais próxima da concepção de entendimento do receptor para que haja comunicação, que é o princípio básico da língua.

Sem levar em conta as graduações intermediárias, é possível identificar dois limites extremos de estilo: o informal, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas lingüísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o formal, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia-a-dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo. Não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação.

As diferentes modalidades de variação lingüística não existem isoladamente, havendo um inter-relacionamento entre elas: uma variante geográfica pode ser vista como uma variante social, considerando-se a migração entre regiões do país. Observa-se que o meio rural, por ser menos influenciado pelas mudanças da sociedade, preserva variantes antigas. O conhecimento do padrão de prestígio pode ser fator de mobilidade social para um indivíduo pertencente a uma classe menos favorecida.

Sendo fato real a coexistência de variedades lingüísticas entendemos que cada forma particular de se manifestar a língua portuguesa no Brasil, é uma variante de um único vértice: A LÍNGUA PORTUGUESA.

Neste momento vemos o favorecimento e a eleição da norma formal como “certa”, uma vez que é essa a ensinada nas escolas e tida como forma de ascensão social. Não querendo desmerecer a variante formal, sabe-se o quão importante é o seu papel de sustentação da língua. Vemo-la num caminhar mais arrastado no processo renovador da língua, pois está sempre presa às estruturas mais antigas por ter raízes mais profundas no português arcaico. Entretanto quando nos deparamos com a priorização do ensinamento da norma culta e o desrespeito as demais variações, vemos também o preconceito lingüístico se formar.

A norma culta está relacionada à linguagem da classe dominante. Todavia, esta classe não é composta por indivíduos de um único meio nem com a mesma formação. Uma minoria sente-se capaz e confiante em utilizá-la. Mas, há uma grande maioria que utiliza a língua de forma despreocupada;

trava a comunicação conforme seu dialeto e dentro de uma prática lingüística eficaz – comprometida com as condições contextuais. Esta maioria desvincula seu falar da norma padrão promovendo as variações ora de forma ocasional – seu dialeto é inerente à sua formação -; ora de forma intencional – tem a língua como mediação simbólica de sua identidade.

Os exemplos a seguir ilustram esses diferentes tipos de variação e suas misturas:

- a região onde nasceu (**variação regional**) - *aipim, mandioca, macaxeira* (para designar a mesma raiz); *tu* e *você* (alternância do pronome de tratamento e da forma verbal que o acompanha); vogais pretônicas abertas em algumas regiões do Nordeste; o *s* chiado carioca e o *s* sibilado mineiro;
- o meio social em que foi criada e/ou em que vive; o nível de escolaridade (no caso brasileiro, essas variações estão normalmente inter-relacionadas (**variação social**) : substituição do **l** por **r** (crube, pranta, prástico); eliminação do **d** no gerúndio (*correndo/correno*); troca do **a** pelo **o** (*saltar do ônibus/soltar do ônibus*);
- a profissão que exerce (**variação profissional**): linguagem médica (*ter um infarto / fazer um infarto*); jargão policial ( *elemento / pessoa; viatura / camburão*);
- a faixa etária (**variação etária**) : *irado, sinistro* (termos usados pelos jovens para elogiar, com conotação positiva, e pelos mais velhos, com conotação negativa).

Pelos exemplos apresentados, podemos concluir que há dialetos de dimensão territorial, social/profissional, de idade, de sexo, histórica. Nem todos os autores apresentam a mesma divisão para estas variedades, sobretudo porque elas se superpõem, e seus limites não são bem definidos.

O segundo tipo de variedade que as línguas podem apresentar diz respeito ao uso que se faz da língua em função da **situação** em que o usuário e o interlocutor estão envolvidos.

As variações de registro podem ser de três tipos: *grau de formalismo, modalidade e sintonia*. Cada tipo não aparece isolado, eles se correlacionam.

Ciente do poder simbólico das variações o usuário tende a utilizá-la como meio de projeção social, enfim, a Língua Portuguesa torna-se hoje, fator de inserção no mundo atual estimulando o sujeito a ser ativo perante a cultura e história de nossa nação.

## O Ensino da Língua Portuguesa

Embora a diversidade e abrangência da língua portuguesa, muitos jovens e adultos que apresentam um bom nível de escolaridade, julgam-se incapazes de manifestar-se oralmente ou por escrito em situações formais e diante de interlocutores desconhecidos.

Por outro lado, sentem-se à vontade para comunicar-se, para interagir com seus pares, com quem fala a mesma língua: seus amigos, sua “tribo”, seus familiares. A insegurança que condena a um silêncio forçado, apesar das centenas de horas-aula semanais de Língua Portuguesa durante os anos de Ensino

Fundamental e Médio, é um indicativo de que na escola se ensina uma série de “conteúdos” sobre a língua, como se ela fosse um sistema pronto e acabado, abstrato, fechado, estático, em vez de trabalhá-la na sua forma concreta, como atividade fundamental da vida humana, da interação social. Na verdade, as aulas de Língua Portuguesa deveriam ser substituídas por aulas de linguagem, de trabalho com e de reflexão sobre a linguagem. Os “conteúdos” sobre a língua ensinada na escola referem-se a um conjunto de regras, a um modelo canônico de referência, muitas vezes distante, mas possível de ser apreendido para funcionar sempre do mesmo jeito em toda e qualquer situação discursiva. Ensinam-se regras de uma língua que, às vezes, nem existe, sem estabelecer qualquer relação com a língua materna, esta língua que o aluno conhece e cujas regras dominam muito bem, tanto assim que satisfazem plenamente suas necessidades de comunicação.

Trabalhar com novas propostas é um desafio, pois enxergar as dificuldades apresentadas pela maioria dos alunos nas várias situações de uso da linguagem nos indica a necessidade de trabalhar em sala de aula com atividades que desenvolvam a consciência da variação lingüística e do modo como as variantes se efetivam na interação cotidiana, assim como promovam a familiaridade com o texto oral e escrito de gêneros diversos, trazendo assim um novo modelo para o ensino de Língua Portuguesa. Mostra-se difícil e complicado mudar um paradigma já tão enraizado em nossos alunos e colegas de profissão que enxergam somente a leitura do texto propriamente dito é suficiente para entender seus significados. Mas nossa tarefa é a de que nossos alunos enxerguem a língua como algo bem próximo do seu dia a dia, assim como uma roupa que vestimos conforme o ambiente em que vamos está, adequada à situação, ao contexto do evento.

O domínio da língua, seja ela oral ou escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo e produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Desde a década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o ponto da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais — inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres — estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever.

Sabemos que o objetivo maior da escola é ensinar a língua padrão, mas devemos lembrar que Possenti (1996) afirmou que *"todos os que falam sabem falar"*, ou seja, não estamos diante de alunos estrangeiros e não precisamos ensinar uma língua, mas, temos que ter como objetivo de nossa prática pedagógica aprofundar os conhecimentos que o aluno tem de sua própria língua, mostrando-o que esta apresenta variante, entre elas, uma mais prestigiada e que lhe proporcionará acesso a cultura elevada do

seu país: a língua padrão. O ensino da língua padrão, no entanto, não deve ser baseado em estudos puramente gramaticais. É preciso muito mais do que exercícios de análise sintática, é preciso refletir sobre a língua e proporcionar na escola oportunidades de contato com suas diversas manifestações, propiciando leitura de textos diversos e compreensão reflexiva dos fatos linguísticos. E isso não se resume a textos, atividades e gramática descontextualizada.

Os “conteúdos” sobre a língua ensinada na escola, infelizmente, ainda se referem a um conjunto de regras, a um modelo antigo de referência, muitas vezes distante, mas possível de ser apreendido para funcionar sempre do mesmo jeito em toda e qualquer situação discursiva. Ensinam-se regras de uma língua que, às vezes, nem existe, sem estabelecer qualquer relação com a língua materna, esta língua que o aluno conhece e cujas regras dominam muito bem, tanto assim que satisfazem plenamente suas necessidades de comunicação.

Continuaremos mantendo a estagnação na educação enquanto não pensarmos para quem é nossa aula. Nosso aluno precisa saber primeiro o que núcleo do sujeito ou apreciar uma boa leitura? Devemos nos preocupar primeiramente com a nomenclatura ou se o estudante é capaz de ler um texto e compreendê-lo? As respostas são óbvias, mas a prática parece não corresponder a esta obviedade.

Infelizmente muitos de nossos professores continuam seguindo o livro didático e nunca pensando no que realmente essencial à vida daqueles alunos, ensinando análise sintática a crianças mal alimentadas, pálidas, que acabam, depois de aulas onde não faltam castigos e broncas, condicionadas a distinguir o sujeito de uma oração. Essas crianças passarão alguns anos na escola sem saber que poderão acertar o sujeito da oração, mas que nunca serão sujeitos das suas próprias histórias. (Geraldí, 2002 p.16), separando a leitura do entendimento e da reflexão, como se não fossem conseqüências naturais.

Segundo Perini (1997), “... tal como um professor de biologia nunca determina como deve ser a natureza, o professor de gramática terá que deixar de lado a pretensão de determinar como deve ser a língua.” (Perini, 1997, p.56).

Nessa perspectiva, mas do que ditar regras é importante estar abertas às novas possibilidades que a língua pode trazer a cada dia, na medida em que ela não está fechada às mudanças. Antes disso, as mudanças são inevitáveis para qualquer língua do mundo.

Devemos sempre, como educadores que buscam trabalhar a Língua Portuguesa de uma forma que nossos alunos saibam utilizá-las realmente, questionar-se sobre o verdadeiro papel da escola no que diz respeito ao ensinar a investigar o funcionamento da língua. O que, objetivamente, devemos ensinar aos nossos alunos em nossas aulas de português? Como levar os usuários da Língua Portuguesa a uma postura reflexiva e investigativa em relação ao funcionamento das línguas? Mesmo que a norma-padrão não seja a língua materna de ninguém, ela deve ser uma das prioridades das aulas de Língua Portuguesa, considerando sua estreita ligação com a escrita, a qual, por sua vez, tem permitido o armazenamento e a transmissão dos conhecimentos. Para ter acesso, para se apoderar e interagir com a cultura mais

valorizada e prestigiada e integrar-se na produção/condução/trans formação da sociedade, é imprescindível conhecer o funcionamento da norma-padrão. Quando se trata de alunos oriundos de camadas sociais desfavorecidas, o compromisso da escola com o ensino da norma-padrão é ainda maior, pois se trata de propiciar condições para as mesmas a possibilidade de lutar com as mesmas armas que as classes mais favorecidas. Ressalte-se, porém, que dominar o funcionamento da norma-padrão independe da memorização de regras, de conceitos. Não basta levar o aluno a conhecer todas as regras padronizadas e a familiarizar-se com elas, para saber aplicá-las com precisão e adequação.

É preciso desenvolver um ensino crítico da norma-padrão, dando espaço e fazendo um contraponto com o maior número possível de manifestações lingüísticas, concretizadas no maior número possível de gêneros textuais e de variedades de língua, aos nossos alunos, apresentando-lhes em sala de aula, condições de assumirem sua palavra, de se tornarem sujeitos de seu discurso. Sob essa ótica, não é o usuário que se submete e adequa o seu dizer às regras da língua, mas esta está à sua disposição para servi-lo nas mais diferentes situações discursivas, para ser bem sucedido em qualquer situação comunicativa. Em resumo,

“O artista da palavra já não cria a palavra, mas cria seu aproveitamento. Não cria a gramática e nem o dicionário da língua, mas obedece à gramática e retira do dicionário as palavras, como o artista do mosaico seleciona uma por uma as pedrinhas coloridas para a formação das cores das figuras.” (Enciclopédia Simpozio - Estética literária, cap. 1-o. A Língua simplesmente como expressão - IV - Níveis gerativos da linguagem. Pg.166).

E esse deveria ser o propósito de cada educador: o de ensinar seus alunos a montar o mosaico da sua comunicação, sabendo assim usar e escolher a “roupa da língua” adequada a cada momento de sua vida.

## **Metodologia**

Sabe-se que Metodologia, etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para a realização de uma pesquisa científica, os quais respondem como fazê-la de forma eficiente. A metodologia é uma disciplina normativa definida como o estudo sistemático e lógico dos princípios que dirigem a pesquisa científica, desde suposições básicas até técnicas de indagação. A Metodologia explica minuciosamente, com detalhes rigorosos e exatos de toda ação desenvolvida no trabalho de pesquisa. Tem como finalidade captar e analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliarem suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização. Assim, a metodologia, mais do que uma simples descrição formal de técnicas e métodos a serem utilizados na pesquisa científica, indica a opção que o pesquisador utiliza para relatar o quadro teórico de determinada situação prática do problema objeto da pesquisa (DEMO, 1995).

Ela consiste numa explicação sobre toda a trajetória do trabalho de pesquisa. Descreve qual o tipo de pesquisa, o instrumento utilizado, o tempo previsto, o tratamento dos dados coletados e o local de realização da pesquisa. No caso em questão utilizou-se da pesquisa de campo, aplicando com alunos as atividades, questionário de pesquisa com professores da área e embasando-se nas validações bibliográficas.

### **Caracterização da Pesquisa**

Tratou-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa e do tipo etnográfica, descritiva – a pesquisa descritiva objetiva descrever as características de uma determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática (Gil, 1996), com aplicação de atividades, que investiga o tema “as várias roupas da Língua Portuguesa” e um formulário de pesquisa com professores que ensinam na área de ensino da Língua Portuguesa.

É Qualitativa, na medida em que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, que não pode ser traduzido em números. A interpretação do objeto e a atribuição de significados são básicas na pesquisa qualitativa. O pesquisador tende a analisar os dados indutivamente, ou seja, vai identificar a causa e a consequência do fenômeno (Gil, 1996). Foi também Etnográfica – a pesquisa etnográfica baseia-se na observação direta do comportamento e do desenvolvimento humano – individual e grupal – e na produção de uma descrição escrita do resultado da observação, mantendo uma dimensão ampla e compreensiva dos fenômenos datados em seu enfoque cultura (Gil, 1996), pois observou o cotidiano escolar, uma vez que os alunos se utilizam e necessitam da Língua Portuguesa e das suas variações para a compreensão da mesma e para o uso comunicativo na linguagem, na vida.

### **Local e Amostra**

Esta pesquisa desenvolveu-se na Escola de Ensino Fundamental Centro Educacional Municipal Celestino de Sousa, situada à Rua Demócrito Pinto na sede do município de Banabuiú, no sertão central no estado do Ceará.

O CEMCS, ou Celestino como é carinhosamente reconhecido, é uma das primeiras escolas de ensino fundamental do município. Traz na sua história de ensino a vida estudantil de vários profissionais que hoje atuam no mercado de trabalho, inclusive na área da educação e atuantes na própria escola.

A escola apresenta-se como referência para as demais escolas do município seja pelo maior número de matrículas, ou o cumprimento das metas anuais estipuladas pela Secretaria de Educação do Município, ou o nível de formação dos professores ou ainda pela representatividade de seu alunado já

que nela encontram-se matriculados alunos de todas as classes sociais, da zona urbana e rural, tornando-se um campo excelente de diversidade cultural para o estudo em questão.

Sua estrutura física é composta por 06 salas de aula, 01 cantina, 01 auditório com a capacidade para 100 pessoas e que também se “transforma” em sala de vídeos, 01 biblioteca que atrai os alunos para atividades de leitura variadas e jogos recreativos de dama, dominós e entre outros que estão disponíveis, neste mesmo espaço na hora do intervalo, 01 laboratório de informática com 10 computadores conectados a internet, 01 quadra de esportes descoberta, 01 pequeno pátio, 01 sala de professores, 01 sala para a secretaria da escola, 01 sala para o núcleo gestor da escola, 01 cantina, 03 depósitos (que são utilizados para o armazenamento da merenda escolar, recursos pedagógicos, troféus e trabalhos realizados pelos professores e alunos) e banheiros femininos e masculinos. Há também salas de aulas da referida escola anexada a outras escolas do município devido à imensa demanda de alunos que a buscam para a realização de seus estudos.

Os alunos participantes desse trabalho representam bem o perfil da população estudantil do município de Banabuiú. São filhos de comerciantes, agricultores, pescadores e funcionários públicos, e que mostram a variedade do atendimento dessa escola.

Os professores participantes desse trabalho também fazem parte da escola citada e lá ensinam.

### **Instrumentos Utilizados**

**Com Alunos.** foi realizada com os alunos da turma de 7º ano, realizado em 14 etapas, trabalhadas no espaço da escola, e se utilizando de atividades de leituras de diversos gêneros textuais, músicas, atividades em grupos e exposição de suas reflexões a cerca dos temas abordados.

**Com Professores.** Neste caso, teve uma amostra simples e intencional, por meio de um questionário realizado com professores que atuam no ensino da Língua Portuguesa e na escola Celestino de Sousa.

### **Resultados e Discussão**

A ação objeto de estudo desta pesquisa com alunos desenvolveu-se nas seguintes etapas descritas a seguir:

1. Pesquisa e planejamento de textos exemplificadores das variações da Língua Portuguesa de forma lúdica e desafiadora, tentando mostrar aos alunos as várias roupas da Língua Portuguesa.
2. Elaboração de planejamento de aulas a serem desenvolvidas com os alunos do 7º Ano C.

3. O primeiro passo dado foi apresentação do tema de uma forma diferente: um guarda-roupa em data show, já que não necessitava de apresentações pessoais, pois a pesquisadora já era a professora de Língua Portuguesa da turma.

4. Foram lançadas as discussões em torno do tema “As várias roupas da Língua Portuguesa” e de imagem apresentada, os alunos iam falando a relação da imagem e do tema com a Língua Portuguesa, tecendo comentários como: “*Não tem nada a ver*”, “*Nossa cabeça é um guarda-roupa onde devemos guardar as palavras que aprendemos*”, e entre outros comentários. E questionei com eles qual era a função do Guarda-roupa. E logo surgiu a resposta que era para guardar as nossas roupas. Depois relacionei a roupa guardada no guarda-roupa com a nossa Língua. Aconteceu um instante de silêncio, e um aluno se posicionou: “*Tia, acho que as roupas são as palavras que usamos*”. E entre eles houve a concordância e até a conclusão de que há roupas adequadas a cada situação de uso, como por exemplo, ir à praia de roupa de festa não combina, e entre outros exemplos, e assim deve ser com a nossa Língua.

5. Diante do andamento do conhecimento prévio que lancei sobre o tema, realizei a exposição de que a principal função da linguagem e da língua é comunicar algo e se não usarmos a roupa adequada, à finalidade da comunicação não acontece: dizer algo e ser compreendido.

6. Pedi que realizasse a leitura do texto “*A estranha Passageira*” de Stanislaw Ponte Preta.

7. Após a leitura, pedi que pensasse na comunidade em que vive. Se, seria difícil, talvez impossível, existir alguma situação mostrada no texto, próximo de cada um.

8. As discussões foram feitas. Discutiram, interpretaram e compreenderam o texto. Chegaram à conclusão de que nem tudo que ouvimos compreendemos, e que existem diversas maneiras de falar, e diversos tipos de conversas, relacionadas a cada grupo.

9. Em seguida, mostrei-lhes uma caixa, que a chamei de caixa da comunicação, dentro dela estariam contidas frases com variações da Língua Portuguesa (gírias, palavras que são utilizadas em faixas etárias diferentes: crianças, adolescentes, idosos, relacionados à profissão, relacionados a regiões, relacionados às classes sociais, etc.). E cada dupla deveria pegar um texto e escrevê-lo em seu caderno, dando significado aos elementos das frases não comum ao seu cotidiano.

10. Provoquei a plenária da atividade, onde cada dupla colocou suas respostas, dando conceitos a cada frase analisada. Teve aqueles que não compreenderam a frase e trouxeram as dúvidas para o grupo, partindo para a segunda etapa da pesquisa: conhecer as variações, as modalidades e usos da Língua Portuguesa, através de slides no data show.

11. Após a apresentação de slides com cada conceito e exemplos, apresentei-lhes o texto *Brasi Caboco* do poeta Zé da Luz. Entreguei a cada aluno uma folha com o texto, realizamos a leitura silenciosa e individual. Pedi que colocassem a sua compreensão sobre o texto. Discutimos a mensagem do texto e como atividade escrita, pedi que se reunissem em grupos e identificassem as palavras que não

conheciam, e as que tinham significados diferentes daquelas que eles utilizavam, e pesquisassem seus significados.

12. Após a apresentação da pesquisa e “*o dicionário do caboco*” realizado, concluímos essa etapa com a leitura em forma de jogral.

13. Para a culminância da pesquisa, dividi a sala em grupos onde cada grupo teria a missão e tarefa de reescrever o poema do Zé da Luz em outra “*roupa*”, ficando dividida em: linguagem da criança, linguagem do idoso, linguagem indígena, linguagem dos adolescentes e as suas gírias, linguagem médicos e a linguagem culta.

14. O encerramento da pesquisa com os alunos aconteceu com a apresentação dos alunos e suas “roupas” utilizadas para expressar o conhecimento construído da Língua Portuguesa a partir do tema “As várias roupas da Língua Portuguesa” e do poema estudado.

Já com os professores, as respostas aos questionários ns proporcionaram significativas variações em seus resultados.

Verificando os dados obtidos no questionário, a constatação inicial é de que os professores pesquisados reconhecem a importância da Língua Portuguesa no processo de aprendizagem, mas que diante do atual mundo globalizado em que vivemos, são muitas as dificuldades para ensinar a Língua Portuguesa em busca da transformação de alunos em leitores de mundo.

Assim, nessa pesquisa são diagnosticadas situações reais da vivência pedagógica dos professores dessa escola, lançando reflexões sobre a docência e a sua importância, divididas em: **a) Perfil dos profissionais** : A pesquisa realizada apresenta um quadro onde são as mulheres que fazem a maioria no ensinam dessa disciplina na escola pesquisada. São formados na área e gostam de ensinar a disciplina em questão, e já a ensinam há alguns anos; **b) A prática pedagógica e a adequação do profissional as novas tendências**: A prática pedagógica dos professores pesquisados é de alguém em transição que quer se adequar as mudanças, mas que ainda se utiliza dos métodos tradicionais e mescla a sua prática. Acreditam que a Língua Portuguesa é a base para a compreensão leitora, enquanto discentes e de mundo, enquanto sujeitos sociais. Ensinar essa disciplina para os pesquisados é ousadia, desempenho e respeito.

Os planejamentos de suas aulas giram em torno da busca por compromisso, desempenho e aprendizagem, tentando mostrar a cada turma, e a cada ano letivo, a importância de se estudar a língua culta e o seu funcionamento para a formação estudantil. Mas os PCNs são vistos por poucos como um direcionamento a sua prática, não sendo muito utilizados no planejamento de suas aulas. E é diante disso que a maioria dos professores dessa escola ainda se deixa levar pelo tradicionalismo de ensinar somente o conteúdo pragmático do livro didático adotado pela escola. O ensino da Língua tratado na temática da pesquisa é visto pela maioria com só uma “dinâmica,” sendo privilegiada somente a Língua Culta e a sua utilização é a tida como a certa, considerando os outros falares como inadequado e esquecendo-se

de utilizá-las como uma oportunidade de transpô-las como suporte que evidencia a oralidade. Mas não podemos analisar esse trabalho somente as observações negativas encontradas, visualizamos aqueles que estão transformando a sua sala de aula em um espaço fundamental do adquirir e compartilhar o saber, mesmo ainda sabendo pouco sobre o assunto, esse profissional-educador se deixa beber da fonte das mudanças e acredita que pode fazer de sua sala de aula um laboratório da Língua Portuguesa, onde se experimenta de tudo e usa o adequado a cada situação; c) **O ensino da Língua Portuguesa transformando o aluno em um leitor de mundo:** O ensino da Língua Portuguesa e a sua competência linguística ainda são vistos por muitos como apenas o saber utilizar as regras gramaticais certas em um texto, desvalorizando a fala, os falares de cada ser e a leitura-vivência de mundo. É preciso que, a escola e seus professores, passem a enxergar seus alunos como seres dotados de conhecimento, e que esse conhecimento trazido por eles também são importantes e devem ser utilizados pela escola.

Embora as mudanças não tenham sido aceitas e utilizadas por todos os professores da escola pesquisada, a leitura é vista por todos como algo importantíssimo no processo de ensino-aprendizagem, sendo uma importante prática na preparação do aluno em leitor de mundo. Ela deve ser despertada, incentivada, idealizada e imposta aos nossos alunos como um importante instrumento e que os levem a levantar ideias, questionamentos, análises e reflexões sobre o mundo que o rodeia. Só assim poderemos causar mudanças em nossas salas de aulas. Mas lembrando que a escola tem uma importante e grande missão como formadora de opinião, mas que ela é somente uma das peças que possa fazê-las acontecer, mas não é a única.

A atual conjuntura social em que vivemos passa por momentos de transformação, e o espaço onde se exige demagogicamente que ela aconteça é na escola. Esquecendo que qualquer ser humano passa primeiro pela família, ou a aqueles que a representem.

## Conclusão

A linguagem reproduz a realidade cultural onde se vive. Esta afirmativa nos apresenta uma nova realidade que é produzida por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação decorrente do exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade.

Diante dessa atual perspectiva educacional, somos convidados a trabalhar a linguagem de um modo que a língua não seja vista apenas como uma simples forma de comunicação, mas sim como uma interação, na qual os sujeitos envolvidos realizam uma ação de mão dupla, onde um influencia o outro na interação comunicativa.

Embora ainda se tenha em nossas escolas uma visão tradicional inserida por meio de nossa cultura, de que a língua é somente uma simples forma de comunicação, temos como missão, ao trabalhar qualquer outra inovação no ensino da Língua Portuguesa, transformar essa realidade, impulsionados a fazer com que nossos alunos entendam que a linguagem se faz da: 1 - relação entre a língua e a cultura; 2 – variedade de dialetos do Português; 3 – imensa variedade de registros do Português.

Trabalhar com as novas propostas lançadas na Educação hoje é um desafio, pois enxergar as dificuldades apresentadas pela maioria dos alunos nas várias situações de uso da linguagem nos indica a necessidade de trabalhar em sala de aula com atividades que desenvolvam a consciência da variação lingüística e do modo como as variantes se efetivam na interação cotidiana, assim como promovam a familiaridade com o texto oral e escrito de gêneros diversos, trazendo assim um novo modelo para o ensino de Língua Portuguesa. É difícil mudar o paradigma onde nossos alunos pensam que somente a leitura do texto propriamente dito é suficiente para entender seus significados, mas as mudanças estão acontecendo e precisamos fazer com que nossos alunos, e até nós mesmos professores de Língua Portuguesa, enxerguemos a língua como algo bem próximo do nosso dia a dia, assim como uma roupa que vestimos, conforme o ambiente em que vamos está, adequado à situação, ao contexto do evento.

A língua não se apresenta uniforme e única: ela apresenta variações, conforme os grupos que a usem. Cada uma das variantes da língua usada por um grupo apresenta regularidades, recursos normais para aquele grupo, e chama-se dialeto. Os principais dialetos são: o etário (da criança, do jovem e do adulto); o geográfico, ou regional; o de gênero (feminino e masculino); o social (popular e culto); o profissional. Os dialetos são equivalentes do ponto de vista lingüístico, ou seja, nenhum é melhor do outro. Cada um cumpre perfeitamente suas funções comunicativas, no âmbito em que é usado. Considerar um superior a outro é um preconceito sem fundamento. Apresentados separadamente, os dialetos podem parecer incomunicáveis e “comportados” na sua classificação. Na língua, nada é assim tão simples. Ao contrário, numa atividade tão complexa como é a linguagem, os contatos e as soluções aparecem a cada momento, uma vez que, como já vimos cada locutor, em cada situação, faz as suas escolhas, de modo mais ou menos consciente.

Por outro lado, podemos e devemos perceber que cada um de nós, participando de vários grupos sociais, acaba sobrepondo, em cada ato de comunicação, mais de um dialeto. Veja o seu caso: a sua língua é o resultado de um dialeto regional, um dialeto etário, um dialeto de gênero, além do dialeto profissional e sociocultural. O resultado do cruzamento de todos esses dialetos cria uma forma particular sua de uso da língua, pelo que poderíamos dizer que haverá poucos, ou nenhum outro sujeito, que tenha a mesma soma de dialetos que você. Podemos dizer que sua língua tem a sua marca. É o que alguns autores chamam de idioleto. Assim como pode acontecer em função de suas roupas, é comum as pessoas serem discriminadas pelo seu dialeto. Isso, além de desrespeitoso, é absolutamente indevido, do ponto

de vista linguístico: na realidade, todos os dialetos se equivalem, em termos de eficiência comunicativa. Nenhum é linguisticamente, melhor do que o outro.

A norma culta não é melhor do que os outros dialetos: estes, tanto quanto a norma culta cumpre perfeitamente sua função no ambiente em que são usados e com as pessoas desse ambiente. Aprender a norma culta é ter mais uma opção de uso da língua, importante em muitos momentos e ambientes. Quanto mais opções o sujeito tiver de uso da língua, mais ele vai poder atuar na sua comunidade e se desenvolver como cidadão. Ninguém deve ser discriminado por apresentar um comportamento linguístico diferente do outro.

E isso não é fácil, mudar um paradigma, uma situação já solidificada dá trabalho. Mas não devemos ter medo! Devemos ser corajosos e aceitar o desafio de mostrar aos nossos alunos que ao usarmos uma determinada variante linguística, porque a julgamos apropriada para falar com aquele ouvinte em particular, estamos dando a roupa adequada a nossa comunicação. E essas variantes dependem de uma variedade social, geográfica, um registro mais ou menos formal, técnico, cortês, etc.

E destaco a exposição de um aluno: *“Tia, nunca tinha prestado atenção que falo com minha família de um jeito, com meus professores e colegas de outro... E isso é a roupa da Língua Portuguesa.”* Pude concluir que meus alunos entenderam o tema proposto e que a partir daí, mesmo com suas dificuldades culturais, aprenderam que temos variantes linguísticas e que devemos usá-la no momento adequado, mas que não devemos esquecer a “norma”, a linguagem padronizada pela elite, para que sejamos “incluídos” na sociedade culta e moderna de hoje, e que meus alunos podem aprender a utilizar a língua da elite e a sua, e usá-la na hora adequada. Não se deve mais manter em pé o pilar de que se tem um único jeito de falar, o resto é errado. Chega de elitizar a língua! Somos brasileiros, falamos a língua portuguesa, os dialetos e registros adequados ficam por conta do contexto comunicativo.

## Referências

BÍBLIA, **Livro do Gênesis**, Capítulo 11, versículos 1 a 9.

BLOM E HALEY, **Desenvolvimento da Linguagem**, citado por ciatado por Marcos Abreu em 29/01/2008. Disponível <http://www.webartigos.com/articles/3945/1/ /pagina1.html>

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa: 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental**. MEC/SEF, 1998.

BUDIN, J. e ELIA, Sílvio. **Compêndio de Língua e de Literatura**. 2 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1954.

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à lingüística**. 7 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

CAMACHO, R. **A variação linguística. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus**. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil Vol. I : Construção do texto falado.** São Paulo, Ed. Ática, 2006. Disponível em: [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/junho2006/ju328pag4-5.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2006/ju328pag4-5.html). Acesso em: 25/10/2024.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa.** 12 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992. [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/junho2006/ju328pag4-5.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2006/ju328pag4-5.html). Acesso em: 25/10/2024.

\_\_\_\_\_. **Uma política do idioma.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GERALDI, J.Wanderley. **concepções de Linguagem e ensino de Português.** In: GERALDI, J. Wanderly (org). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINET, A. **Elementos de lingüística geral.** Trad. de J. Morais-Barbosa. Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1964. (ELG)

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da Fraseologia Brasileira.** 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A. , 1966.

PERINI, Mário. **Sofrendo a gramática.** São Paulo: Ática, 2000.

PRADO MENDES, Soélis T. (2000) **A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: caso de retenção?**, dissertação de mestrado,FALE/UFMG.

RAMOS, Jânia (1998) **“História social do português brasileiro: perspectivas”**, in CASTILHO, A (org.) Para uma história do português brasileiro, SP: Humanitas.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo, Cultrix, 2006.

SIMPOZIO, Enciclopédia - Estética literária, cap. 1-o. **A Língua simplesmente como expressão - IV - Níveis gerativos da linguagem.** São Paulo, Ática, 1997).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre o entendimento das línguas.** 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

VARRÃO, M. Terêncio. **De Língua Latina.** Texto estabelecido e traduzido por Roland G. Kent. London : Page, 1951. Books V-X. Disponível em [www.scribd.com](http://www.scribd.com) > School Work > Essays & Theses Fonte: <http://www.webartigos.com/articles/3945/1/Desenvolvimento-Da-Linguagem/pagina1.html#ixzz0y2lqjWt9>. Acesso em: 25/10/2024.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

DIAS, Sandra Maria Santos; LOPES, Raimundo Edilberto Moreira; SAMPAIO, Ivonete Maria de Souza. As Várias Roupas da Língua Portuguesa. **Id on Line Rev. Psic.**, Maio/2025, vol.19, n.76, p. 222-247, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 10/12/2024. Aceito 19/12/2024; Publicado em: 31/05/2025.